



A ORNAMENTAÇÃO OITOCENTISTA DA IGREJA DE N. SRA. DO ROSÁRIO DOS PRETOS DO PELOURINHO: A REFORMA POSSÍVEL

Luiz Alberto Ribeiro Freire. EBA/UFBA

RESUMO: A nova ornamentação da Igreja da Irmandade de N. Sra. do Rosário dos Pretos do Pelourinho realizada a partir de 1871 foi uma das últimas empreendidas em Salvador. Essa reforma foi realizada dentro das possibilidades da Mesa da Irmandade e por isso houve muitas dúvidas e negociações acerca das permutas, permanecendo alguns elementos da antiga talha, adaptando-se outros ao novo gosto e renovando-se inteiramente outras peças como o retábulo-mor e a grade do coro. Nesse artigo analisaremos o processo dessa reforma possível e seus resultados estéticos.

Palavras-chave: Ornamentação. Igreja. Rosário dos Pretos. Salvador. Séc. XIX.

ABSTRACT: *The redecoration of the Church of the Confraternity of Nossa Senhora do Rosário dos Pretos in Pelourinho, begun in 1871, was one of the last such renovation projects undertaken in Salvador, Bahia. This project was carried out within the scope of the confraternity's limited budget, so numerous questions arose about barter transactions, retaining some elements of the old carvings, adapting others to the new tastes and entirely renovating other parts of the church, such as the altarpiece and choir rail. This paper will analyze how that hard-won renovation proceeded, and its aesthetic results.*

Key words: *Decoration. Church. Rosário dos Pretos. Salvador. Nineteenth Century.*

Dentre as igrejas que reformaram a sua ornamentação em madeira entalhada em Salvador no século XIX a Irmandade de N. Sra. do Rosário das Portas do Carmo hoje mais conhecida como dos Pretos do Pelourinho foi a que mais retardou a reforma da ornamentação do seu templo. Pelas poucas notícias que temos da talha anterior, aquela realizada no século XVIII, em cerca de 1710, podemos deduzir que sua permanência até a reforma oitocentista, 1871 foi de 161 anos, em um contexto cuja duração menor de uma ornamentação era de 41 anos, a média entre 60 e 70 anos e a máxima entre 80 e 160 anos.

Não conhecemos a data da criação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, mas, é certamente uma das mais antigas da cidade e do Brasil, podendo ter se constituído por volta de 1604, data em que já existem referências sobre a sua existência. A sua ereção e confirmação nos

finais do séc. XVIII, foi feita na Catedral da Sé da Bahia através de antigo compromisso datado de 1685, informações que aparecem no compromisso de 1820 e que remetem a sua existência ao século XVII. Entretanto, não possuía templo próprio, funcionava na catedral da Sé até o século XVIII.¹

Pelo alvará de 14 de Abril de 1696 o Rei de Portugal concedeu um terreno junto ao Castelo das portas do Carmo², sendo autorizado a construção do templo em 1704 pelo Arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide³. A ermida fora construída pelos próprios negros escravos depois da faina diária, durante a noite, deduzindo das horas de descanso⁴. Em 1710 a ermida estava pronta, pois já haviam celebrações de atos religiosos⁵.

As necessidades e o crescimento da irmandade impuseram a ampliação do templo, acrescentando-lhe dois corredores laterais e um novo frontispício, obra iniciada em 1780 e concluída em 1781⁶. As transformações tiveram continuidade em 1796 quando a mesa deliberou pela construção do seu consistório, obra que iniciou em 1797 e terminou em 1798⁷.

Acerca da obra de talha setecentista, não se tem conhecimento da data precisa, nem da autoria em virtude do desaparecimento dos registros, contudo, é provável que a ermida onde já se celebrava missa em 1710 tivesse pelo menos um retábulo-mor, que deve ter sido acrescido ou mesmo substituído por nova talha na segunda metade do dezoito, pois na década de oitenta deste século se empreendeu a pintura em quadratura do forro⁸ e como testemunhas desta talha imediatamente anterior a reforma oitocentista, permaneceram as balaustradas das tribunas da nave, púlpitos e sanefas da nave, que não foram renovados quando da reforma neoclássica que ditou a substituição dos três retábulos.

A igreja possui planta de nave retangular estruturada, com nave única, capela-mor retangular mais estreita que a nave, profunda e de pé-direito pouco mais baixo que o da nave. A capela-mor possui duas portas, ambas para os corredores laterais que dão acesso a sacristia, quatro lunetas, duas em cada lado, que se abrem para o telhado, sem óculos, mas algumas telhas de vidro que permitem a entrada da luz natural através destas lunetas; quatro tribunas, duas em cada lado e um arco pleno que faz a transição para a nave.

A nave é retangular com três vezes o comprimento da capela-mor, e mais larga que ela e de pé-direito mais alto. Possui quatro portas retangulares nas paredes laterais, sendo duas em cada lado; dois púlpitos, um em cada lado, seis tribunas, três em cada lado.

À entrada do templo, o espaço é dividido na altura em dois por um arco abatido retilíneo, sendo o inferior, o nártex e o superior, o coro. No nártex há três portas retangulares para a fachada, sendo a do centro mais alta que as outras duas. No coro são três as janelas de igual tamanho e formato com vergas curvas trilobadas, duas portas retangulares que dão para os vazios das torres e os corredores laterais do pavimento superior. A grade guarda-corpo é de ferro reta nos lados com uma secção de círculo no centro.

Os espaços principais do templo, capela-mor e nave, articulam-se com os corredores laterais, espaços das torres, sacristia, consistório e demais salas pela justaposição de retângulos inscritos em um outro maior, ficando a sacristia no retângulo por trás da capela-mor correspondendo o mesmo espaço no andar superior; e as salas quadrangulares dispostas ao longo dos corredores e mais um pátio interno e quintal.

No pavimento superior os espaços do térreo se reproduzem mais ou menos em correspondência com as divisões do térreo, com salas quadradas e corredores laterais que facultam o acesso as tribunas, ao coro e ao sino.

Os irmãos pretos do Rosário não fugiram a prática das demais irmandades e ordens religiosas do século XIX na Bahia, efetuando também as alterações e atualizações estéticas que contribuíram para a feição atual do templo.

Estas transformações nem sempre estão minuciosamente referidas nos documentos, mas os efeitos delas estão presentes. Em 1864 foi assentada a grade do corpo da igreja⁹, mas não se fala na permuta propriamente dita das antigas pelas novas de ferro.

Embora os documentos não sejam claros, podemos deduzir que as lunetas do forro da capela-mor foram abertas no ano de 1872, pois se referem a “claridade as tribunas da Capella-Mor”.¹⁰ Neste ano fizeram “Obras no Consistório: demolição das

paredes internas desnecessárias e rompimento de outra, que formam arcadas e claridade as tribunas da Capella-Mor e transformação da Casa da Meza para Caza-Forte”¹¹ (Fig. 5)

Em busca de dar maior claridade ao templo a mesa da irmandade resolveu abrir dois óculos laterais à porta principal, mais tarde, lembraram-se da grande afluência de fiéis ao templo e das facilidades que a abertura de mais duas portas proporcionariam a este trânsito, deliberando-se a abertura das portas. A decisão causou polêmica no seio da irmandade demandando a apreciação do Juiz da Provedoria.

Em 4 de Dezembro de 1873 a mesa reuniu-se extraordinariamente para responder ao despacho do Juiz reiterando “que as referidas portas erão de grande alcance e utilidade para dar claridade a igreja, servirão à affluencia dos fieis nos dias de festa, e embelesamento do edificio.”¹² A mesa foi mais longe, convidou o juiz da Provedoria, Dr. Manoel Lopes da Cunha Vasconcelos para examinar a fatura das duas portas novas da frente da igreja, o que viu e aprovou.¹³

Constatando-se o acanhamento do espaço da capela-mor, ampliaram-na por volta de 1873 conforme sugere os termos que tratam das alterações do projeto inicial da obra de talha.¹⁴

Em 26 de Fevereiro de 1874 a abertura das portas foi discutida numa reunião em que participaram o grupo pró e contra, Juiz da Provedoria e o engenheiro Lourenço Eloy Pessoa de Barros, este último reforçou a necessidade das portas, contrariado pelo argumento de que a “factura dellas causava ruina na respectiva parede, e bem assim que ficarião deffeitas as ditas portas” ao que o engenheiro logo replicou afirmando que a abertura das portas não causaria desabamento das paredes nem ficariam defeituosas, pois a parede era de ótima construção e que a obra empreenderia um importante embelezamento na frente da Igreja, como estava claro na planta apresentada. Em Fevereiro de 1875 as duas portas já estavam abertas¹⁵.

Não há referências sobre a grade do coro, nem sobre a troca do ladrilho por mármore, o que provavelmente ocorreu no século XIX, seguindo a prática adotada nas demais irmandades.

Os primeiros registros nos termos das sessões da mesa da irmandade que tratam da renovação da talha no século XIX remontam a 16 de Maio de 1871, sessão em que o irmão procurador geral expõe ter “ouvido ao Artista João Simões Francisco de Souza um offerecimento para fazer o retabolo da Capella mór, offerecimento este *que* constitui boas condições para se ultimar a obra de *que* se trata, conforme lhe declarou verbalmente o dito Artista”¹⁶ resolveram então “*que* o referido Artista apresentasse o modello e a respectiva proposta instruida com as condições para ser submittida à Mesa”.¹⁷

A proposta e a planta do entalhador **João Simões Francisco de Souza** foi apresentada pelo Juiz na mesa de 28 de Maio de 1871, nesta proposta o entalhador afirmou “fazer o retabulo da Capella-mór, inclusive o Arco Cruzeiro, e o forro da Sachristia”¹⁸, mas a mesa se acautelou não assinando contrato nesta reunião, antes, optou por sugestão do Procurador Geral, em chamar

uma comissão de peritos das Artes de; Entalhador, Carapina e Pedreiro para examinar e prestar um orçamento separadamente das obras referidas e ser presente, com a proposta e planta, à uma comissão de 3 membros da Meza, igualmente nomiada, para dar seu parecer e ser submittido a Mesa em sua primeira reunião; e *que* nenhuma decisão se dê ao *supplicante* proponente por ora.¹⁹

Na sessão de 7 de Julho de 1871 a comissão das obras do retábulo da capela-mor composta do Procurador Geral Plácido Felix do Nascimento e os mesários João Luiz das Virgens e Felipe José Domingues deu “o seu parecer respectivo oppinando *que* se contracte com o mesmo entalhador João Simões Francisco de Souza a factura das obras de talha²⁰. Nesta mesma sessão o contrato foi assinado no qual ficou obrigado o contratante a desapropriação

do velho retabolo da Capella-mór, Tribunas, Arco Cruseiro, tudo aperfeiçãoando para as desposições dos Modelos n^{os} 1, 2 e 3 *que* se vae citar... Levantar o retabolo da Capella-mór tirado a ordem composita com dois pedestaes obra bem acabada conforme o modelo n^o 1 ... Idem [*Levantar*], as varandas, seos guarnecimentos, e remates, inclusive os das portas lateraes conforme modelo n^o 2 ... Idem [*Levantar*], Arco Cruseiro com o emblema da Irmandade modelo n^o 3²¹.

Em 27 de Julho de 1872 a comissão das obras do retábulo da Capela-mor composta por Plácido Felix do Nascimento, Luiz da Silva Lopes e José Moreira Vieira, foi convidada pelo entalhador para presenciar o assentamento da “banquêta,

e pilastras do altar-mor, bases principal da dita obra... as 3 ½ da tarde”²². Como a reunião foi marcada somente para tratar deste assunto, na hora prevista, suspenderam-na e foram presenciar a elevação e o assentamento das referidas bases do retábulo-mor ao som dos sinos do campanário da igreja.²³

Contudo este ânimo não representou uma ágil evolução dos trabalhos, pois em 18 de Agosto de 1872 o entalhador recorre à mesa solicitando prorrogação “por mais seis (6) meses o praso de dez (10) da Condição 1ª do seu Contrato, attento as alterações das respectivas obras”²⁴, proposta que foi aceita pela mesa. Em 20 de setembro do mesmo ano o Procurador Geral cogitou da pintura do altar-mor que já estava em conclusão, dando-se a preferência ao pintor **José Pinto Lima dos Reis**, caso se sujeitasse ao menor preço das propostas apresentadas, no que todos concordaram²⁵.

Sobre as alterações realizadas na obra, o ex-juiz da irmandade, Nicolau d’Andrade Gomes, nos dá uma idéia de sua extensão pelo relatório apresentado na sessão de 30 de Março de 1873, em que informa ter a comissão responsável pela fiscalização da obra do retábulo apoiado “uma alteração nos respectivos modelos do retabolo attento ás circumstancias do primeiro calculo mal basiado pelo acanhamento do espasso da Capella-Mór; o que foi approved pela Meza”²⁶ Diante deste argumento esclarece que as alterações empreendidas ampliaram as dimensões do retábulo, visto que tinha sido planejado para uma capela-mor de espaço mais reduzido, que deve ter sido aumentada nas reformas estruturais que se fizeram neste tempo.

As obras do retábulo ainda não estavam concluídas em 19 de Março de 1874, pois nesta data a mesa discutiu o requerimento do contratante que pedia uma vistoria para se constatar as alterações e conceder a gratificação pertinente, concluindo que se devia marcar um prazo para a conclusão das obras e que a gratificação seria analisada na primeira reunião.²⁷

Foi na reunião de 30 de Março de 1874, que o prazo para o término das obras de talha foi prorrogado por mais cinco meses a contar do primeiro de Abril do mesmo ano.²⁸ As obras já estavam concluídas em 24 de Agosto de 1876, quando se autorizou ao tesoureiro convencionar com o contratante da obra de talha o

pagamento da gratificação²⁹. (Fig. 1)

Em 11 de Janeiro de 1878 a mesa leu outro requerimento do entalhador, adiando a decisão de lhe pagar pelas alterações e pedindo-lhe que entregasse em quarenta e cinco dias o corredor da capela, que lhe fora cedido para guarda de material e equipamentos³⁰, encerrando neste termo as menções às obras de renovação da talha deste interior.

A capela-mor tem um retábulo do “2º tipo: parietal arrematado por sanefa”³¹, que fica na parede do fundo pintada de branco, sendo o fundo do camarim do trono pintado de azul celeste. (Fig. 2) O forro é de tábuas corridas, com cornijamento reto, em abóbada de berço com quatro diminutas lunetas, duas em cada lado, que se abrem para o telhado, onde as telhas são de vidro para permitirem a passagem da luz natural. Neste forro manteve-se a pintura do século XVIII em quadratura policroma com quadro central representando Nossa Senhora do Rosário com glória de anjos, pomba do Divino Espírito Santo e aos pés São Domingos e Santa Clara. (Fig. 6)

Cada parede é ocupada por duas tribunas na parte superior e na parte inferior, por uma porta guarnecida de talha que fica próxima ao arco cruzeiro e um silhar de azulejos em azul, amarelo, branco e vinho com cenas da vida de São Domingos e cercaduras arquitetônicas neoclássicas.

O arco de cada tribuna é abatido e guarnecido de talha no pé-direito, impostas e curvatura do arco, sua sanefa é formada por uma moldura base com a mesma curvatura do arco arrematada por um aro circular branco e dourado tendo ao centro folhas que ascendem e descendem, sustentado por secções de molduras por onde rolam folhagens. Na transição entre um arco e o outro, a parede é arrematada por cornijas com ressalto central que faz base para um vaso com flores e folhas.

A grade é reta e contínua abraçando os dois arcos, é segmentada em dois painéis intercalados por pilastras de caneluras embastoadas, bastões dourados sobre fundo marmorizado. Cada painel vazado é constituído pela repetição por três vezes de um motivo formado por um florão dourado inscrito num losango de molduras brancas e douradas que está inscrito no centro de uma reserva de molduras douradas retangular de cantos curvos sustentada por folhas e uma orla de

moldura de retas e curvas entrelaçadas por folhas em branco. O peitoril é formado de várias molduras retas e a base do balcão por um friso e secções de molduras que se afunilam, tudo em marmorizado castanho. (Fig. 5)

O piso é dividido em dois níveis, o superior é pavimentado com mármore de lioz cor-de-rosa com faixas diagonais simétricas de lioz branco, com uma escada de quatro degraus em mármore branco que conduz ao nível inferior, neste nível, cada lateral da escada contém um painel em mármore branco ornado com almofada retangular de cantos curvos. O pavimento do nível inferior é similar ao do superior.

Nas portas, o guarnecimento é em pedra com alizares e vergas retas com pequenos ressaltos nos extremos. Suas sanefas têm base de molduras retas douradas com remates semelhantes aos das sanefas das tribunas. O reboco que aparece da parede está pintado de branco.

Arco pleno guarnecido de talha nas três faces, sendo a posterior igual a anterior e diferente do intradorso. O intradorso é a mais larga das faces e seu ornato em tudo se assemelha ao da face anterior, com a diferença de ser o marmorizado vinho contrastado com o azul ao invés do verde e os ornatos dos extremos da faixa são em fio de trifólios decrescentes, excluindo o laço de molduras, a chave do arco é um cinto branco de caneluras douradas. (Fig. 1)

A face anterior, ou seja aquela voltada para a nave, é ornada por base retangular com reserva de marmorizado vermelho de veios brancos e pretos, arrematado por pequeno friso de caneluras douradas sobre branco; o pé-direito, por uma faixa retangular emoldurada em dourado, arrematada nos extremos por igual motivo de laço de molduras e trifólio e um central formado de florão inscrito em losango de molduras, intercalando os motivos, faixas de marmorizado verde; as impostas têm um friso liso de marmorizado verde, outro de caneluras douradas e secções de molduras de marmorizado cinza e vermelho, assemelham-se as impostas do retábulo-mor; na curvatura do arco estes motivos se repetem em cada lado, tendo ao centro uma pequena chave trapezoidal de caneluras. As impostas coincidem com as do retábulo-mor e as dos colaterais.

O arremate do arco é constituído de medalhão oval orlado de molduras douradas com campo azul escuro no centro do qual está o monograma “Ave Maria”

em filetes dourados. Este medalhão é arrematado por folhagens e assenta-se sobre dois ramos que se cruzam e expandem-se por suas laterais, tudo sobre um plinto branco de caneluras douradas; em cada lateral do plinto o ornato continua com gradeado de molduras entrelaçadas as folhagens terminando em fio de trifólios decrescentes e pérolas também decrescentes douradas que contornam o arco até suas impostas. (Fig. 4)

O piso abaixo do arco é diferenciado constituindo-se de quadrados de lioz vermelho, com losangos do mesmo lioz inscritos e por fora do losango, em cada lado, triângulos de lioz branco.

Separa o arco da nave uma grade de comunhão em ferro com hastes com terminações em volutas prateadas, florões dourados e barras de volutas em ondas com parapeito de madeira escura.

Possui este espaço, dois retábulos colaterais semelhantes, um em cada lado, do “4º tipo: parietal arrematado por sanefa”³², derivados do retábulo-mor, dispostos em ângulo e nenhum lateral; seis tribunas, três em cada lado guarnecidas de talha com balaustrada e sanefas; dois púlpitos, um em cada lado guarnecidos de talha e quatro portas, duas em cada lateral com sanefas e mais três no nártex. (Fig. 3)

Em cada parede lateral pintada de branco, as peças se distribuem da seguinte forma, na parte inferior, duas portas em cada extremo com sanefas, intercaladas por silhares de azulejos com cenas da vida de São Domingos em azul e cercaduras rococó em amarelo e marmorizado verde; um púlpito no centro, entre uma porta e outra, ladeando o púlpito consoles de mármore expõem imagens de veneração da irmandade. Na parte superior, três tribunas, sendo duas por cima das portas e a do centro por cima do púlpito.

Toda a talha que garante as tribunas, os púlpitos e as portas, assim como o forro da nave são remanescentes do século XVIII, seus ornatos entalhados representam uma fase simplificada do rococó.

As portas tem alizares e vergas retas de pedra, cada uma das sanefas constitui-se de moldura base reta nas laterais e curva no centro, orlada de pérolas, em dourado e vermelho, seu arremate em aba se inscreve num triângulo, com

recortes em curvas e contracurvas arrematado por penacho vazado e concheados ao centro, em ouro sobre fundo vermelho. As sanefas das tribunas da nave se assemelham a este padrão, as dos púlpitos copiam o princípio com pequenas alterações nos ornatos, mantendo a mesma bicromia de dourado sobre vermelho.

Cada tribuna possui sanefa em tudo semelhante as das portas e balaustrada com balaustre entalhados com ornatos de gomos, rocalhas e folhas em ouro e vermelho.

Os púlpitos são iguais, compondo-se cada um de console de cantaria em volutas e cornijas, bacia de madeira entalhada, porta e sanefa. A bacia é bojuda e sinuosa com reservas de filetes dourados, rocalhas e pilastras ondeadas e ornadas de concheados rococós, em ouro sobre fundo ocre e vermelho. A sanefa é uma versão simplificada das demais, diferenciando-se pela menor proporção e no remate que é em concha sobre volutas.

A área da entrada da igreja é dividida em duas por um arco abatido retilíneo que faz forro para o nártex e suporta o piso do coro. O coro possui três janelas para a fachada de vergas trilobadas e alizares de pedra sem guarnecimentos de talha; duas portas com vergas retas de pedra assim como os alizares e uma grade guarda-corpo de ferro recta com uma secção de círculo no centro. O padrão desta grade é constituído de volutas em 'S' dispostas simetricamente e duas barras, uma em cima e outra em baixo formada pelos mesmos 'esses' na horizontal, na cor prateada. Esta grade tem base de molduras douradas e marmorizada de azul e peitoril de madeira. Os espaços dos vértices formado pelo pavimento do coro e o arco do forro do nártex são brancos sem ornamentos.

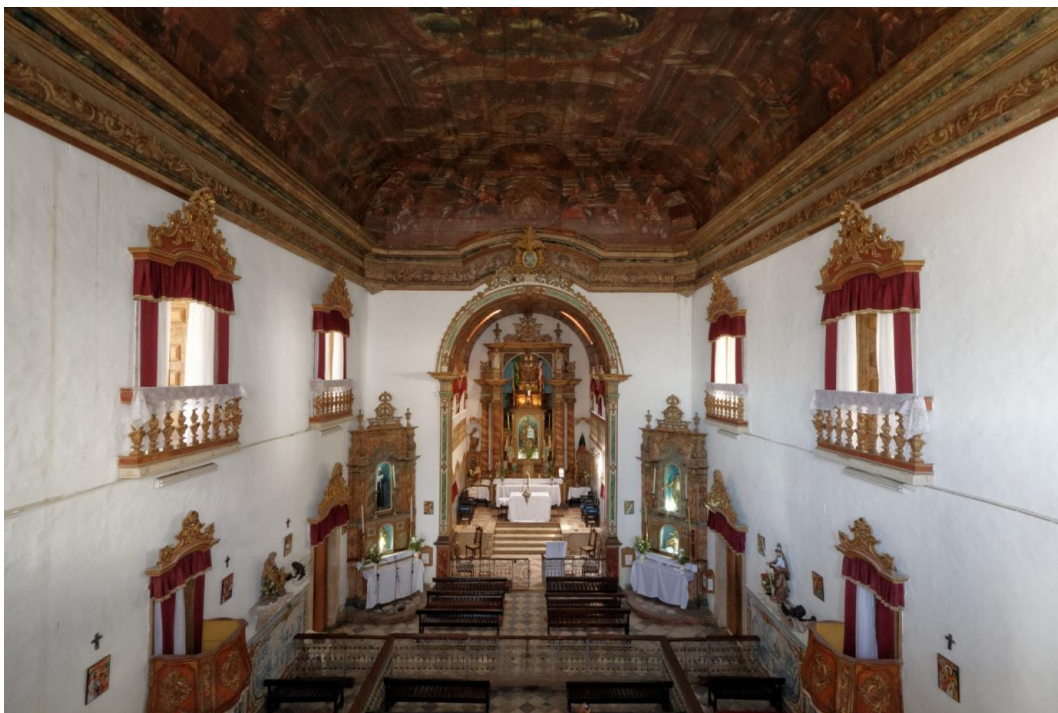


Fig. 1 – Vista geral da Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos do Pelourinho, Salvador, Bahia, fotografia de Anibal Gondim.

O nártex tem três portas de vergas retas com alizares de pedra, sendo a porta central mais alta que as ladeiam, suas paredes são pintadas de branco com silhares de azulejos policromos com cenas da vida de São Domingos, semelhantes aos da nave. O forro de tábuas corridas acompanha o arco, é contornado por molduras douradas e faixa de marmorizado rosa nos dois extremos, estas faixas repousam sobre mísulas nos quatro cantos do forro. A extensão central dele é pintada de azul celeste com uma glória de anjos e nuvens entorno do monograma de Maria.

O forro da nave cobre toda a sua extensão incluindo o coro, principia com um cornijamento reto, chanfrado nos cantos, com leve curvatura por trás do arremate do arco cruzeiro e recortes curvos na altura das vergas das janelas do coro. Este cornijamento é constituído de secções de molduras policromas com friso côncavo pintado com rocalhas brancas e azul sobre fundo vinho e secções de molduras marmorizadas de azul, verde com motivos dourados. Por baixo de cada um dos quatro chanfros fica uma almofada triangular marmorizada.



Fig. 2 – Retábulo-mor da Igreja da Irmandade de N. Sra. do Rosário dos Pretos do Pelourinho / Fotografia de Anibal Gondim.



Fig. 3 – Retábulo-colateral da Igreja da Irmandade de N. Sra. do Rosário dos Pretos do Pelourinho, fotografia de Anibal Gondim.

Acima do cornijamento, o forro é em gamela de tábuas corridas policromo em quadratura com o quadro central representando a ascensão de Nossa Senhora do Rosário encimada pela Santíssima Trindade e anjos, tendo aos pés dois santos franciscanos, provavelmente São Francisco e São Domingos e anjos.

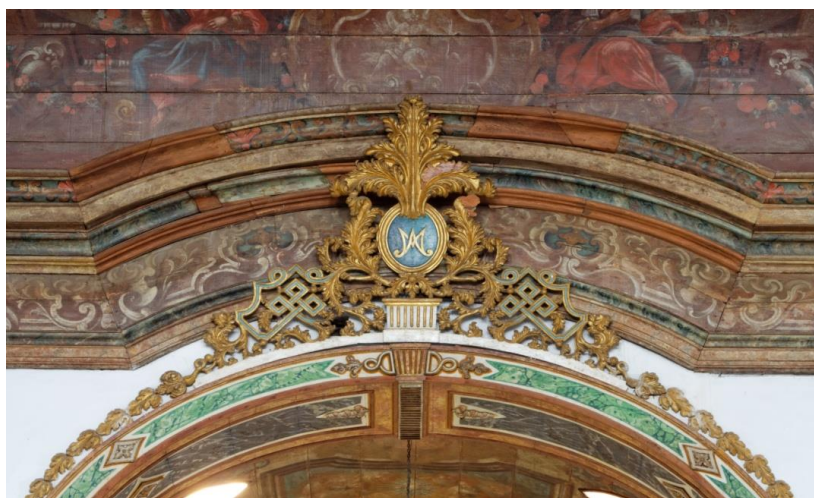


Fig. 4 – Entalhe do arremate do arco cruzeiro da Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos do Pelourinho, Salvador, Bahia – Fotografia de Anibal Gondim



Fig. 5 – Grade e sanefas de talha das tribunas da capela-mor da Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos do Pelourinho, Salvador, Bahia. Fotografia de Anibal Gondim.

Entre 1870 e 1871, época da reforma do templo, este forro fora adaptado à estética neoclássica, a adaptação constou de monocromia na cor azul celeste, camuflando toda a arquitetura fingida em torno do quadro central, neste campo azul distribuiu-se estrelas douradas e o quadro central foi mantido recebendo uma moldura pintada com trifólios que acompanhou o movimento da balaustrada fingida, camuflando-a. As cornijas foram também monocromadas, sendo o friso mais largo repintado com faixa de acantos³³.

Esta 'neoclassicização' pictórica permaneceu até 1976, ano em que se principiou a restauração desta igreja, quando foi removida mecanicamente a repintura que encobria a pintura original em quadratura do século XVIII, trabalho efetuado pela equipe de restauro da ARCA e concluído pelo CERBA do IPAC.

O piso da nave desenvolve-se em dois níveis, estando o superior no mesmo nível do inferior da capela-mor, esta faixa elevada abrange a área destinada à assistência da irmandade e as áreas laterais onde ficam os púlpitos, divididas por grades de ferro. Toda a pavimentação dos dois níveis é feita com ladrilhos de mármore azuis e brancos quadrados dispostos alternadamente em diagonal com os batente formados por lajes de mármore branco.



Fig. 6 – Forro com pintura em quadratura do século XVIII, atribuída por Carlos Ott ao pintor José Joaquim da Rocha, Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos. Foto de Anibal Gondim.

As grades que separam o nível superior são semelhantes as grades de comunhão, sendo mais extensas, com portas de duas folhas com motivos de hastes enroladas nas extremidades e florões dourados, nas folhas das portas o motivo é de florão dourado circunscrito em aros circulares preenchidos com 'esses', tudo entre barras superior e inferior formada por ramificações ondeadas de volutas, em prateado, somente os florões são dourados.

A policromia desta talha destaca-se em todo o conjunto de igrejas reformadas para o gosto neoclássico, pois, graças a manutenção dos resquícios setecentista, ela permanece com cores quentes, pouco douramento, uma policromia de tonalidades mais escuras. Assim a Irmandade de N. Sra. do Rosário dos Pretos fez a reforma ornamental do seu templo, uma reforma marcada por vacilos entre a tradição e o novo, pelos limitados recursos e pelo conservadorismo de alguns irmãos.

NOTAS

- 1 BACELAR, Jeferson Afonso e SOUZA, Maria Conceição Barbosa de. *O Rosário dos Pretos do Pelourinho.*, 1974. p. 43.
- 2 *Idem, ibidem.*
- 3 FREITAS, Maria José Rabello. *Igreja do Rosário dos Pretos*, 1966. p. 6.
- 4 BACELAR, Jeferson Afonso e SOUZA, Maria Conceição Barbosa de. *op. cit.* 1974. p. 43
- 5 FREITAS, Maria José Rabello. *op. cit.* , 1966, p. 6.
- 6 BACELAR, Jeferson Afonso e SOUZA, Maria Conceição Barbosa de. *op. cit.*, 1974. p. 45.; FREITAS, Maria José Rabello. *op. cit.* , 1966. p. 8.
- 7 BACELAR, Jeferson Afonso e SOUZA, Maria Conceição Barbosa de. *op. cit.* 1974. p. 45.
- 8 FREITAS, Maria José Rabello. *op. cit.* 1966 , p. 10.
- 9 BACELAR, Jeferson Afonso e SOUZA, Maria Conceição Barbosa de. *op. cit.*, 1974. p. 47.
- 10 *Idem, ibidem*, p. 51.
- 11 *Idem, op. cit.* 1974. p. 51.
- 12 BACELAR, Jeferson Afonso e SOUZA, Maria Conceição Barbosa de. *op. cit.*, 1974. p. 51-52.
- 13 AINSRPPC. Livro de Termos de Resoluções da Mesa da Irmandade de N. Sra. do Rosário das Portas do Carmo [1863.03.01 – 1878.11.03], 1873, Dezembro, 5. fl. 124v.
- 14 *Idem, ibidem*, 1873, Março, 30, fl. 103v.-104. (Documento inédito)
- 15 BACELAR, Jeferson Afonso e SOUZA, Maria Conceição Barbosa de. *op. cit.*, 1974. p. 52-53.
- 16 AINSRPPC. Livro de Termos de Resoluções da Mesa da Irmandade de N. Sra. do Rosário das Portas do Carmo, [1863.03.01 – 1878.11.03], 1871, Maio, 16, fl. 72.
- 17 *Idem, ibidem*, (Nova leitura depois de Jeferson Bacelar e Maria Conceição de Souza).
- 18 *Idem, ibidem*, 1871, Maio, 28, fl. 73. (Nova leitura depois de Jeferson Bacelar e Maria Conceição de Souza)
- 19 *Idem*, 1871, Maio, 28, fl. 73-73v. (Nova leitura depois de Jeferson Bacelar e Maria Conceição de Souza)
- 20 AINSRPPC. *Livro de Termos de Resoluções da Mesa da Irmandade de N. Sra. do Rosário das Portas do Carmo* [1863.03.01 – 1878.11.03], 1871, Julho, 7, fl. 74. (Nova leitura depois de Jeferson Bacelar e Maria Conceição de Souza)
- 21 *Idem, ibidem*, 1871, Julho, 7, fl. 74v. (Nova leitura depois de Jeferson Bacelar e Maria Conceição de Souza)
- 22 *Idem*, 1872, Julho, 27, fl. 92. (Nova leitura depois de Jeferson Bacelar e Maria Conceição de Souza)
- 23 *Idem*, 1872, Julho, 27, fl. 92v.
- 24 *Idem*, 1872, Agosto, 18, fl. 93. (Documento inédito)
- 25 *Idem, ibidem*, 1872, Agosto, 18, fl. 94.
- 26 *Idem*, 1873, Março, 30, fl. 103v.-104. (Documento inédito)
- 27 AINSRPPC. *Livro de Termos de Resoluções da Mesa da Irmandade de N. Sra. do Rosário das Portas do Carmo* [1863.03.01 – 1878.11.03], 1874, Março, 19, fl. 130-131. (Documento inédito)
- 28 *Idem, ibidem*, 1874, Março, 30, fl. 132.
- 29 *Idem*, 1876, Agosto, 24, fl. 151. (Documento inédito)
- 30 *Idem*, 1878, Janeiro, 13, fl. 159-159v. (Documento inédito)
- 31 FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. *A talha neoclássica na Bahia*. 2006. p. 204 e 213.
- 32 *Idem, idem*, p. 223.
- 33 VALLADARES, Clarival do Prado. *Nordeste histórico e monumental.*, 1991. p.278..

REFERÊNCIAS:

- BACELAR, Jeferson Afonso e SOUZA, Maria Conceição Barbosa de. **O Rosário dos Pretos do Pelourinho**. 1974. p. 43.
- FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. **A talha neoclássica na Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2006.
- FREITAS, Maria José Rabello. **Igreja do Rosário dos Pretos**, 1966.
- AINSRRPPC. **Livro de Termos de Resoluções da Mesa da Irmandade de N. Sra. do Rosário das Portas do Carmo [1863.03.01 – 1878.11.03]**. 1873, Dezembro, 5. fl. 124v.
- VALLADARES, Clarival do Prado. **Nordeste histórico e monumental**. 1991. p. 278.

Luiz Alberto Ribeiro Freire

Doutor em História da Arte pela Universidade do Porto, Portugal; especialista em Cultura e Arte Barroca pela UFOP; professor de História da Arte Brasileira na Escola de Belas Artes da UFBA; autor do livro “A talha neoclássica na Bahia”; pesquisador da ornamentação das igrejas baianas e brasileiras dos séculos XVIII e XIX, da cultura e arte tridentina, dos estilos maneirista, barroco, rococó e neoclássico; da pintura sacra católica e sua simbólica.